

A CIDADE TAMBÉM ENSINA: PEDAGOGIA DA ATENÇÃO, SABERES DA RUA E EDUCAÇÃO INTEGRAL

VANI ANDERSON MARTINS BERNARDES

Mestrando em Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU/UFRGS) | vani.bernardes1980@gmail.com

Este resumo expandido parte de uma pesquisa de mestrado em Educação desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), cuja investigação se volta às experiências urbanas de pessoas em situação de rua-moradia e aos saberes produzidos na relação cotidiana com a cidade. O recorte aqui apresentado desloca os achados dessa pesquisa para uma questão pedagógica: o que acontece com a educação quando a cidade é tomada também como espaço de aprendizagem? A problemática emerge da constatação de que determinados conhecimentos produzidos nas ruas permanecem pouco reconhecidos como conhecimentos, especialmente quando produzidos por corpos racializados e socialmente desautorizados. Ao mesmo tempo, em um contexto de intensa mediação tecnológica e de expansão das ferramentas de inteligência artificial, propõe-se pensar experiências educativas que não rejeitem a tecnologia, mas que recuperem a atenção, a caminhada, a observação direta, a experiência corporal e a leitura do território como modos de produzir conhecimento. A pesquisa que sustenta esta reflexão é qualitativa e parte de uma experiência situada no trabalho como educador social, articulando cenas e registros do cotidiano profissional, observação do espaço urbano e interlocução com produções literárias e teóricas.

Georges Perec constitui uma importante interlocução para pensar essa mudança de olhar. Em Tentativa de esgotamento de um local parisiense, o autor se instala durante três

dias na Place Saint-Sulpice para observar e registrar acontecimentos cotidianos, procurando descrever aquilo que normalmente não se nota, o que parece não ter importância e o que acontece quando nada acontece, como a circulação de pessoas, veículos, animais, nuvens e a passagem do tempo (PEREC, 2016). Em Espèces d'espaces, Perec amplia a reflexão sobre as formas de experimentar e organizar os espaços, concebendo-o para além de um mero cenário, mas como experiência e relação (PEREC, 2001).

A partir dessas interlocuções, este trabalho formula a noção de pedagogia da atenção como uma elaboração própria: uma possibilidade de prática educativa que cria condições para olhar demoradamente, perceber relações, estranhar o cotidiano, acompanhar transformações e produzir perguntas a partir da experiência territorial.

Teju Cole, em Cidade aberta, contribui para essa discussão ao apresentar a caminhada pela cidade como experiência de observação, memória, deslocamento e encontro (COLE, 2012). A cidade, nesse movimento, deixa de ser apenas o lugar onde a educação acontece e passa a ser também matéria de investigação.

A escrevivência de Conceição Evaristo amplia a discussão ao recolocar experiência, vivência, observação e escrita no centro da produção narrativa. Para Evaristo (2020), a escrita se relaciona à investigação do entorno e à observação da vida, articulando experiências individuais e coletivas. Essa perspectiva permite reconhecer que a pessoa que chega à rua não chega como página em branco: carrega histórias, repertórios e aprendizagens que continuam sendo reelaborados.

Michelle Aparecida Marques dos Santos (2025), ao narrar experiências das ruas em Cicatrizes da Rua, contribui para tornar visível uma dimensão prática desse aprendizado: conhecer a cidade envolve aprender onde permanecer, onde comer, onde dormir, por onde circular, quem procurar, quando aproximar-se e quando afastar-se. Trata-se de saberes construídos na experiência, na repetição, na memória e também no reconhecimento dos riscos.

Antônio Bispo dos Santos, Nêgo Bispo, contribui para tensionar a hierarquia entre formas de conhecimento ao articular território, comunidade, modos de vida e diferentes formas de transmissão de saberes. A aproximação, neste trabalho, não pretende equiparar a rua às experiências quilombolas ou indígenas, nem afirmar que todo saber produzido na rua

seja ancestral; Bispo é tomado como interlocutor para questionar a centralidade de uma única forma de produção e legitimação do conhecimento (BISPO, 2023).

Essa questão ganha densidade com Marcello Felisberto Morais de Assunção, especialmente em sua discussão sobre racialização, cânone e reconhecimento de determinados sujeitos como intérpretes legítimos e produtores autorizados de conhecimento (ASSUNÇÃO, 2024).

Assim, reconhecer saberes das ruas não significa romantizar a precariedade, nem afirmar que a escassez produz automaticamente criatividade ou conhecimento. A escassez pode restringir possibilidades, impor riscos e reduzir margens de escolha. O ponto é outro: experiências produzidas em territórios de desigualdade também envolvem aprendizagem, elaboração de estratégias, leitura de situações e produção de saberes, ainda que esses saberes sejam frequentemente deslegitimados.

Os resultados da reflexão apontam, portanto, para a possibilidade de pensar a cidade como espaço educativo e a caminhada como dispositivo pedagógico. Se a rua pode educar o olhar do pesquisador, ela também pode provocar a escola a educar o olhar dos jovens para aquilo que a cidade normalmente torna invisível. A proposição não é substituir a escola pela rua, mas ampliar os espaços de aprendizagem da educação integral, fazendo do território um laboratório aberto de investigação. Uma caminhada pode mobilizar conhecimentos de Geografia, ao observar território, mapas, fronteiras e circulação; de Matemática, ao trabalhar distâncias, proporções, contagens, tempo e distribuição; de História, ao investigar memórias, permanências e transformações; de Língua e Artes, ao registrar, narrar, fotografar, desenhar e produzir diferentes formas de leitura da cidade; de Sociologia, ao observar relações, desigualdades, usos e disputas pelo espaço; e de Direito, ao problematizar normas, direitos, cidadania, usos do espaço público e conflitos urbanos.

Nesse desenho, jovens não aparecem como participantes da pesquisa empírica original, mas como sujeitos a quem a proposição pedagógica pode ser dirigida. A contribuição para o debate sobre juventudes e educação integral está em formular uma possibilidade de deslocamento: aprender não apenas sobre a cidade, mas com a cidade; não apenas receber informações, mas desenvolver atenção para produzir perguntas; não apenas circular por um território, mas aprender a lê-lo.

Em um cotidiano marcado por telas, plataformas digitais e crescente presença da inteligência artificial, a caminhada, a observação e a experiência corporal podem constituir exercícios de atenção e presença, sem que isso implique rejeitar as tecnologias, mas estabelecer outras relações com elas.

A sequência caminhar–atentar–observar–estranhar–reconhecer–ler o território–produzir conhecimento constitui, assim, uma hipótese pedagógica derivada da pesquisa. Em vez de compreender a educação integral somente pela ampliação do tempo escolar, a proposta considera também a ampliação dos espaços, dos modos de aprender e das formas de reconhecer quem produz conhecimento. A cidade também ensina, mas nem todos os ensinamentos recebem o mesmo estatuto. Tornar visíveis esses saberes pode contribuir para uma educação integral comprometida com atenção, experiência, território e pluralidade epistemológica.

Palavras-chave: educação integral; pedagogia da atenção; cidade; saberes da rua; juventudes.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Marcello Felisberto Morais de. Uma “epistemologia da ignorância”? Os estudos críticos da branquitude e a crise do cânone de “intérpretes do Brasil”. Revista de Teoria da História, Goiânia, v. 27, n. 1, p. 171-188, 2024.

BISPO, Antônio dos Santos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.

COLE, Teju. Cidade aberta. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.

PEREC, Georges. Espèces d’espaces. Tradução de Jesús Camarero. Barcelona: Montesinos, 2001.

PEREC, Georges. Tentativa de esgotamento de um local parisiense. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Gustavo Gili, 2016.

SANTOS, Michelle Aparecida Marques dos. Cicatrizes da Rua. Porto Alegre: Libretos, 2025.